

“UM BOM POEMA NÃO ADMITE SOLUÇÃO”

ENTREVISTA COM RONALD AUGUSTO
VITOR CEI*

Ronald Augusto nasceu em 1961, em Rio Grande, Rio Grande do Sul. Atualmente vive em Porto Alegre. Com um percurso literário que entremeia a publicação de textos poéticos ao trabalho de editor e à elaboração de composições musicais, ensaios e reflexões críticas, ele tem se destacado no cenário da poesia brasileira contemporânea.

O autor pondera que qualquer crítica da poesia brasileira do presente é fatalmente precária, pois o gesto interpretativo “em tempo real” se depara com uma produção poética “ainda sendo feita”. O fenômeno inconcluso acabaria por impor um óbice à tarefa crítica, tornando-a incapaz de julgar a partir de uma certa estabilidade de valores (AUGUSTO, 2015, p. 54).

Sobre o caso ímpar da poética negra, ou afro-brasileira, Ronald Augusto recorre ao compósito verbal “transgressão”, cunhado pelo poeta Arnaldo Xavier para contribuir com o múltiplo movimento de revisão dos parâmetros de sustentação do cânone literário brasileiro. Considerando que a maioria dos escritores consagrados pela tradição como exemplos de excelência literária são homens brancos, torna-se indispensável definir “uma proposta estética interessada em lesar tanto as ideias feitas que orientam nossas filosofias de vida, quanto a imagem de um cânone totalizante” (AUGUSTO, 2010, p. 434).

Lutando pela consolidação de uma poética transgressora adequada ao século XXI, mas recusando o papel do poeta como porta-voz da afirmação identitária de uma irredutível essência negra, facilmente suscetível de reificação, o poeta-crítico acredita que “autores transgressores e seus poemas vão, aos poucos, tornando cada vez mais

* Professor da Universidade Federal de Rondônia/ UNIR, Porto Velho, Rondônia, Brasil.
E-mail: vitorcei@gmail.com

complexa qualquer definição pretensamente consistente e acabada a respeito das linhas de força do total desta escritura” (AUGUSTO, 2015, p. 65).

No cerne das reflexões expostas por Ronald Augusto encontra-se a motivação do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que se apresenta como um esforço de mapear a literatura brasileira do início do século XXI a partir da perspectiva dos próprios escritores. Através da realização e publicação de uma série de entrevistas com autores de todas as regiões do país, este projeto pretende constituir-se em atividade voltada para a formação de leitores da literatura brasileira contemporânea, além de oferecer um material de pesquisa para os futuros críticos e historiadores da literatura brasileira do início do século XXI. Registrado na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), sob a minha coordenação, o projeto pluri-institucional conta com a participação dos professores André Tessaro Pelinser, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Letícia Malloy, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); e Andréia Delmaschio, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

Na entrevista que segue, concedida entre julho e agosto de 2018, Ronald Augusto reflete sobre seu processo criativo, discute o problema da literatura negra, avalia a recepção de sua própria obra e compartilha com o leitor outras reflexões éticas e estéticas. Confira abaixo a entrevista.

Cada escritor possui método e estilo próprios. Em sua coluna no *Sul 21*, publicada em 12 de fevereiro de 2018, você afirmou que “a poesia que na verdade funciona está quase sempre a um passo da intransitividade, da impertinência, da opacidade, da marginalidade, enfim, de um *pathos* que se nutre de professar nenhuma profissão”. Em que medida essa descrição caracteriza as opções formais e temáticas que norteiam o seu projeto literário?

Meu livro *Confissões Aplicadas* (2004) está repleto de poemas cuja relativa incomunicabilidade – que marca parte da minha produção – aparece

bastante contida ou quase anulada. No entanto, ainda sou “cobrado” pelos poemas menos aderentes a uma vocação mimética ou referencial. Os poemas desta vertente ainda são entendidos, me parece, como peças mal resolvidas e/ou herméticas. Na realidade, poemas com tais características indicam apenas uma forma de representação do signo estético-literário. Representam uma dimensão ou possibilidade. As linguagens às vezes se apresentam mais ou menos opacas. Sim, isso acontece. A opacidade mais radical transmite uma informação estética diferente e que é específica a esta condição (ou tensão) da linguagem, isto é, trata-se de um *trobar clus* em relação a um *trobar*, por assim dizer, mais aberto à esperança do leitor. Se essa pequena distinção não for levada em consideração, então a poesia do Mallarmé de *Un Coup de Dés* (1897) poderá ser considerada estando muitos furos abaixo, por exemplo, da poesia de *Morte e Vida Severina* (1967) de João Cabral de Melo Neto. Entretanto, nenhum desses modos discursivos é superior/inferior ao outro. Apenas nos deparamos frente a duas tendências de agenciamento da função estética da linguagem.

Em suas obras percebemos um intenso exercício com a linguagem e uma preocupação com a forma poética. *Homem ao rubro* (1983), o seu livro de estreia, apresenta uma ruptura com a linguagem “cultura” do “homem branco”. Já no terceiro livro, *Puya* (1987), notamos um diálogo significativo com a poesia concreta. No seu último livro, *À Ipásia que o espera* (2016), encontramos o tradicional tema do amor. Como você define a sua trajetória literária?

Meu percurso poético apresenta um relevo acidentado. Há irregularidades provenientes de um desejo de experimentação. Depois de *Puya*, por exemplo, alguns poetas e amigos me diziam que eu jamais faria poemas discursivos. Esse é o problema da concepção ou da crença de que o que moveria o artista seria a busca de “método e estilo próprios”. Pode ser que um ou outro artista dê crédito a essa ilusão, que é do mesmo naipe da ilusão de uma “vida de coerência”. Me interessa é a diversidade de experimentos com a linguagem. Drummond tem esse traço, ele é político

e simbolista, pois logo se entedia com os acontecimentos e, mais tarde, escreve poemas de corte concreto. Joan Brossa é o mestre dessa visão que rompe com a resignada coerência estilística; ele fez tudo ao mesmo tempo: poesia visual, teatro, poemas versilibristas, poemas em forma fixa, instalações, prestidigitação etc.

Seu trabalho é reconhecido no país e alcançou expressividade no cenário literário internacional, com publicações de poemas em periódicos nos Estados Unidos e na Alemanha. Como você avalia a recepção de sua obra, no Brasil e no exterior?

Aparentemente a boa recepção ao meu trabalho no exterior se deve justamente à distância do analista das nossas quizilas particulares. Embora essas quizilas sirvam subsidiariamente ao estudo das forças em conflito, em alguma medida críticos e teóricos de outros países não ligam muita importância às polêmicas que, em muitos casos, justificam apenas essa ou aquela reputação literária. Em relação ao país, meu trabalho começa a ser lido com mais cuidado só na última década. No Rio Grande do Sul, por exemplo, depois de trinta e tantos anos de atividade, só em 2017 meus livros entraram nas listas de leitura do curso de letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

No artigo *Capítulos em defesa da (im) pertinência da poesia* (2009), você afirmou que o grafocentrismo superestima a poesia a partir de dois vieses antagônicos: por um lado, a poesia seria “drogadição anestésica de fundo alienante”, por outro, seria perigosa e revolucionária. Depois de quase dez anos, como você vê essa questão?

Me parece que essa tensão ou disjunção permanece, mais ou menos, do mesmo jeito. Talvez até se apresente mais carregada em suas tintas, pois a sofreguidão com que hoje opinamos sobre todos os temas – escritores, leitores e seguidores –, nas redes sociais, acaba por fazer triunfar um clima generalizado de ativismo ético-político, no qual parece imperioso

assumir uma posição doa a quem doer. Ter uma opinião e escrever um poema comprometido com uma causa, hoje, são gestos que quase não se distinguem. Diante disso, um poema que aparentemente não dá a menor bola para representatividades ou que põe em dúvida o real enquanto objeto de mera análise política e social, é lido como coisa elitista e alienante.

Desde os anos 1970, assistimos no Brasil à discussão em torno do problema de uma literatura negra, ou da necessidade de afirmação de uma linguagem literária afro-brasileira. Você tem recusado a filiação estrita a este ou a qualquer outro rótulo. Por exemplo, no poema “após a vírgula”, do livro *Empresto do visitante* (2013), a voz poética faz uma crítica à demarcação acadêmica da literatura negra: “literatura, negra/ afrobrasilianische dichtung afro-/ brazilian literary movement // nem sempre consegui me entender/ com a sua quizilância/ conciliar seu orçamento/ ao sarro dessa sarna/ com que até aqui/ muito bem me desavim// digamos para todos os efeitos que/ mesmo não tendo transmigrado à áfrica/ eu tivesse passado o dedo pelo mapa”. Como você se situa no movimento de consolidação de uma vertente negra na literatura brasileira?

Tenho escrito muito sobre isso. O fundamental é não perder de vista nessa discussão um dos termos do conceito, a saber, a *literatura* – e aqui encareço a acepção artística contida em sua área semântica. E sendo literatura, suas determinações se apresentam por meio da linguagem como um jogo equívoco que nomeia e transfigura o real. As relações entre um poema e seu tempo não se prestam a mero reflexo de realidades sociais dadas. O escritor se dirige aos seus contemporâneos, entretanto isto não significa que ele, em seu pensamento criativo, se reconheça contemporâneo ou sintonizado com seus destinatários. Vale dizer, o mundo representado é, a um só tempo, emoldurado e sacudido pela linguagem. As imagens do objeto literário são lacunares, servem de recortes possíveis e de transfigurações desobedientes do mundo tanto vivido, quanto representado. Entretanto, é necessário fazer o comentário crítico a uma espécie de efeito legitimador

que – no respeitante a uma descrição-legitimação dessa literatura, – visa a transformar em paradigma aquelas obras em que se observa, em primeiro plano, à maneira de um pórtico, a afirmação da identidade, ou de um *nós* demasiadamente comprometido e, de resto, difícil de verificar, mas indispensável em termos de demanda de um grupo diante de uma situação político-social conflituosa e/ou desfavorável. Um efeito observável nesse esforço de legitimação, de vez e voz a serem conquistadas, talvez seja o seguinte: o escritor negro que se apresenta à discussão é tolerado como útil depoente; seus escritos se revelam como meras provas, documentos, literatura como testemunho, misto de verismo e depoimento correto: lugar de fala estetizado. Não obstante o que quer que o escritor realize deva ser chamado em princípio de – pausa para a palavra a seguir – arte, restam, ainda assim, aqui e ali, análises e intervenções que insistem em colocar sua criação artística a serviço de “causas e compromissos históricos”. Pode-se argumentar que o que vem após a palavra arte, isto é, “de matriz africana”, “negra”, “feminina”, é que rende assunto a essa espécie de fogo amigo. O que parece ser fundamental admitir é que, antes de qualquer coisa, literatura negra só pode ser mesmo literatura, isto é, uma forma de discurso que tem sua autonomia parcial conectada criticamente às determinações e contradições do campo estético em sua relação não causal com a sociedade. Se meu trabalho for analisado por uma ótica, digamos assim, “conteudística”, talvez ele não se revele tão convincente e útil, mas isso pouco me importa. Minha trajetória até agora tem sido bastante plural e se, em algum momento, ela for aprisionada ou demarcada, não será, espero, por minha culpa, mas por culpa desse ou daquele leitor aferrado ao seu intento interpretativo. Um bom poema não admite solução, essa é a minha divisa.

No dia 09 de novembro de 2017, você escreveu em seu perfil no Facebook que gostaria de ser convidado “para falar, entre outras coisas, sobre a grande diversidade de vozes e linguagens que negros e negras estão trazendo para a literatura ainda defendida como coisa universal, mas que na verdade é branca e autocentrada em

seus enjamentos de classe até a raiz dos cabelos”. Como o racismo presente na sociedade brasileira afeta ou é problematizado em sua escrita?

Me afeta como homem, como pessoa e, de maneira indireta e não documental, vai acabar aparecendo de um jeito transfigurado na minha condição de poeta. A propósito de coisa parecida, Octavio Paz escreve que a vida não explica diretamente o poema e o poema tampouco explica a vida, pois há algo que está apenas no poema e que não está na vida do poeta. Por outro lado, tem coisas que só cabem na vida do sujeito, coisas que nenhum símbolo dá conta de traduzir. Para alguns pode parecer difícil de acreditar, mas a poesia tem seus limites, felizmente ela não é uma panaceia. Minha poesia também tenta reagir à inflação branca na literatura. Tem branco demais empatando a nossa passagem. Entretanto, essa mesma vertente negra, na medida em que se afirma como ruptura perante o sistema canônico, eventualmente oblitera vozes que desbordam, aqui e ali, do tom e dos estilemas esperados para um “autor negro”. Por isso aprecio antes o idiossincrático do que o gesto de “cerrar fileiras”: Arnaldo Xavier e Edimilson de Almeida Pereira, por exemplo, operam esse tipo de gesto. Em outras palavras, gosto de me sentir implicitamente, e não superficialmente, um poeta negro.

Muitos escritores têm mantido atividade constante nas redes sociais, seja para promover a própria obra, seja para engajar-se politicamente. Como vê essa face do autor contemporâneo? O que mudou na literatura após o advento da internet?

Até onde consigo pensar a respeito, entendo que a internet não mudou substancialmente minha poesia. Com relação à literatura em geral, acho que uma reação às vanguardas de 50/60, que ocorre a partir de década de 90 vindo até aqui, se materializa numa defesa da comunicabilidade em prejuízo da experimentação. Os escritores não toleram mais o exílio da literatura e da poesia da cultura pop. Em parte, a internet é

instrumentalizada na perspectiva a tornar a literatura mais familiar aos seguidores. Para mim, a proximidade com o leitor é corruptora. Leitor e *facefriend* são, hoje, uma coisa só.

Desde 2013 você é colunista do jornal on-line Sul 21, redigindo textos de opinião densos, às vezes polêmicos, capazes de desacomodar o leitor. E também tem publicado artigos e resenhas em jornais como Diário Catarinense, Correio do Povo e Zero Hora. Em que medida a obrigatoriedade de manter um exercício de reflexão constante em um espaço como o do jornal contribui em seu processo de composição literária?

São coisas diferentes e que atendem a determinações particulares. Os artigos e ensaios representam o meu desejo de leitura crítica em sentido quase filosófico, isto é, ler de um modo em que eu me veja implicado tanto na denúncia às imposturas, como na valoração dos gestos inventivos. Um exercício de análise em que me proponho a pensar na desmesura, correndo riscos. A poesia também é risco. As duas atividades implicam o fortuito e o forçoso, mas na poesia o fortuito (*un coup de dés*) tem uma presença mais decisiva.

Diante do panorama da literatura brasileira atual, o que você vê? Que autores você tem lido? Gostaríamos que você nos falasse um pouco sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção literária – sobretudo poética – brasileira contemporânea.

Sou um leitor de poesia, essencialmente. Sobre a prosa contemporânea não sei o que dizer. Então posso apresentar uma lista precária de poetas de que gosto muito. O contemporâneo é sem margens, portanto muita gente ficará de fora. Esses poetas, agora-agora, inquietam e estimulam minha poesia: Eliane Marques, Marcelo Ariel, Alex Ratts, Ricardo Aleixo, Edimilson de Almeida Pereira, Leo Gonçalves, Guellwaar Adún, Anelito de Oliveira, Alex Simões, Jorge Fróes. Paro por aqui. Esses poetas me

estimulam a realizar um objeto verbal que seja capaz de produzir o mais genuíno prazer estético no leitor. Seus poemas colaboram para que as intervenções artísticas e culturais provoquem choques de pensamento. Seus poemas me dão esperança de voltar a fazer poesia, mas uma poesia que não tenha nada que ver com a poesia pó de arroz, essa poesia de homem branco que, em boa medida, é levada a cabo por muitos dos meus contemporâneos.

Você está escrevendo algum livro no momento? Tem projetos que envolvam outros gêneros literários?

Sempre estou escrevendo um livro. Determinadas sequências de poemas se configuram em um livro em processo. Dois livros de poemas devem ser publicados em breve. Tenho um livro de contos sem previsão de publicação. Gostaria de publicar um livro reunindo meus poemas visuais.

Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como coda do atual estágio da humanidade?

A questão exige uma análise vastíssima. Entretanto, minha interpretação não ultrapassa os limites do bom senso que concorda que estamos, por um lado, correndo um risco de retrocesso e, por outro, que já estamos imersos nele. Há pessoas com mais experiência do que eu e com instrumental teórico mais eficiente do que disponho para fazer uma análise radical e justa da coisa. Não obstante o meu crescente pessimismo, temos de reagir e lutar para que esses tempos violentos e monstruosos (intoleravelmente humanos) não durem muito.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Ronald. A poesia que funciona. *Sul 21*, 12 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/colunas/ronald-augusto/2018/02/poesia-que-funciona/>>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- _____. *À Ipásia que o espera*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2016.
- _____. Capítulos em defesa da (im)pertinência da poesia. *Sibila*, 04 abr. 2009. Disponível em: <<http://sibila.com.br/critica/capitulos-em-defesa-da-impertinencia-da-poesia/2191>>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- _____. *Confissões aplicadas*. Porto Alegre: AMEOP, 2004.
- _____. *Empresto do visitante*. São Paulo: Editora Patuá, 2013.
- _____. *Homem ao rubro*. Porto Alegre: Pró-Texto, 1983.
- _____. Poesia e crítica contemporâneas: endogamia e tolerância. In: CEI, Vitor et al. (Org.). *A literatura e a vida: por que estudar literatura?* Vila Velha: Praia Editora, 2015. p. 54-70.
- _____. *Puya*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.
- _____. Transgressão. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 425-437.

Submetido em 10 de agosto de 2018

Aceito em 19 de agosto de 2018

Publicado em 25 de janeiro de 2019
